

**POR UMA ENIGMÁTICA METAMORFOSE: LEITURAS EM MERLEAU-PONTY**

*Leandro José de Souza Martins*

*“Se restabelecemos, como ensaiamos fazer, o pintor ao contato com seu mundo, talvez acharemos menos enigmática a metamorfose que, através dele, transforma o mundo em pintura...”<sup>1</sup>*

Nosso artigo quer considerar algumas intuições de Merleau-Ponty sobre a pintura. O centro de nossa reflexão foca o elemento da percepção e do mundo que a pintura resgata na sua própria capacidade de expressão. Assim como a linguagem comunica a seus integrantes o discurso e as idéias, toda pintura, em aspecto ontológico, convida a novas percepções do mundo, e comunica-as em sua linguagem de cores, cujo estrato primeiro se encontra no pintor e na sua ação de pintar. Torna-se possível, na análise de nosso filósofo, uma linguagem da pintura, cujo esforço e realização assemelham-se aos que empenham o escritor.

Conforme a citação que inicia este texto, cada um deve ser capaz de restabelecer, de reviver em sua existência o contato do pintor com seu mundo. Este elemento se torna fundamental para toda compreensão de Merleau-Ponty acerca da pintura, a partir da qual elucida sua intuição maior presente em seu filosofar: o primado ontológico da percepção, pelo qual o mundo se revela na sua existência desde-sempre, pela qual o humano interage com o mundo, na verdade e plenitude de elementos, ainda

---

<sup>1</sup> Si l'on remet, comme nous essayon de le faire, le peintre au contact de son monde, peut-être trouverat-on moins énigmatique la métamorphose que, à travers lui, transforme le monde en peinture...” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 93). Tradução nossa.

que estes passem despercebidos, por não serem contemplados atentamente. A tal primado, considerado em perspectiva filosófica, Merleau-Ponty chamava de “fé perceptiva”, que considera o mundo como já-aí e como fenômeno a ser descrito e questionado filosoficamente, a partir da perspectiva do humano que vive, que é no mundo.

Destarte, este pequeno texto tem a pretensão de iniciação nos elementos estéticos que as análises de Merleau-Ponty oferecem. Há de se notar, com apurada atenção, que o pintor dá à arte, sobretudo à pintura, este estatuto de conciliação de elementos que partem de uma percepção e de um mundo considerados filosoficamente. De fato, ao contemplar uma pintura, o que se vê não é apenas a reprodução de uma imagem existida em um “fora”, mas o tornar-se presente esta mesma imagem conjugando-a, em cores, com sentimentos expressos pelo mundo silencioso e interno do pintor. É pela percepção tornada pintura, pelo mundo que se expressa em tinta que o pintor oferece, em cada tela, um convite a outrem para novas interações e percepções de seu mundo. Conforme indica Merleau-Ponty:

A obra cumprida não é, por isso, a que existe em si como uma coisa, mas a que atinge seu expectador, convidando-o a retomar o gesto que a criou e, saltando os intermediários, sem outro guia que não o movimento da linha inventada, um traço quase incorporado, a encontrar o mundo silencioso do pintor, doravante proferido e acessível<sup>2</sup>.

## **1. O Mundo e a Percepção**

Toda filosofia de Merleau-Ponty acerca da pintura resgata um horizonte ontológico. Percebe que, a cada pintura, uma nova forma de ver o mundo e a realidade se descortina, seja pelos elementos trazidos à visibilidade na tela, seja pelas moções que levam o pintor a executar sua obra em determinada ocasião. E assim como a linguagem, a pintura também proporciona a comunicação de elementos importantes para a existência humana, sobretudo quando a pintura exerce o fascínio de, pelo olhar, representar novas significações deixadas encobertas. Pois, conforme Merleau-Ponty, ainda que o mundo seja o que vemos, é preciso, contudo, “aprender a vê-lo. No sentido de que, e, primeiro

---

<sup>2</sup> L'oeuvre accomplie n'est donc pas celle qui existe en soi comme une chose, mais celle qui atteint son spectateur, l'invite à reprendre le geste qui l'a créée et, sautant les intermédiaires, sans autre guide qu'un mouvement de la ligne inventée, un tracé presque incorporel, à rejoindre le monde silencieux du peintre, désormais proferé et accessible (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 83). Tradução nossa.

lugar, é mister nos igualarmos, pelo saber, a essa visão, tomar posse dela, dizer o que é *nós* e o que é *ver*, fazer, pois como se nada soubéssemos”<sup>3</sup>.

Em uma outra passagem, evidencia-se bem este reaprender a ver. Além de ser uma “verdadeira filosofia” (a já conhecida expressão da *Phénoménologie*), a visão é sempre um elemento marcante, pois, por ela, a percepção do mundo e das coisas se orientam com maior objetividade. Na obra de arte, especialmente, a captação do mundo sensível se faz de forma patente, mas exige, o mesmo movimento, que a percepção ultrapasse a mesma sensibilidade. Pois, no momento mesmo da percepção das coisas externas, o artista reconfigura-a com sua pessoa, com sua existência, com seu mundo. Faz vir ao visível o que não se percebe ocasionalmente: faz valer uma forma nova de ver, de perceber. A isto, incita o autor quando afirma:

O pintor retoma e converte justamente em objeto visível o que sem ele permaneceria encerrado na vida separada de cada consciência: a vibração das aparências que é o berço das coisas. Para este pintor, uma única emoção é possível: o sentimento de estranheza; um único lirismo: o da existência incessantemente recomeçada (...) O artista é aquele que fixa e torna acessível aos mais “humanos” dos humanos o espetáculo de que participam sem saber<sup>4</sup>.

A pintura dá, portanto, uma existência, uma essência às coisas que passam despercebidas no cotidiano. Se, portanto, importa em primeiro instante resgatar a importância da percepção, é preciso fazê-lo como inquietante perquirição filosófica, que visa entender melhor o papel de tantas coisas que, ao longo da racionalidade ocidental, foram esquecidas. Verdades fundamentais que antecipam e tornam possível todo o edifício construído em nome da racionalidade e da ciência: o irrefletido ou pré-reflexivo, as expressões que fazem a vida e o mundo se mostrarem, “o mundo tal como ele é antes de qualquer retorno sobre nós mesmos”<sup>5</sup>.

Tais elementos, Merleau-Ponty os apontou ainda no início de seu filosofar, quando afirmava sobre o irrefletido e a percepção: “é verdade que reencontramos o irrefletido, mas o irrefletido ao qual voltamos não é o que antecede a filosofia ou que

<sup>3</sup> ...le monde est *ce que nous voyons* et que, pourtant, il nous faut apprendre à le voir. En ce sens d’abord que nous devons égaler par le savoir cette vision, en prendre possession, *dire* ce que c’est que *nous* et ce que c’est que *voir*, faire donc comme si nous n’en savions rien comme si nous avions là-dessus tout à apprendre (MERLEAU-PONTY, 1964a, p. 18). Tradução nossa.

<sup>4</sup> MERLEAU-PONTY, (1965), 1989, p. 48.

<sup>5</sup> (...) le monde tel qu’il est avant tout retour sur nous-mêmes (MERLEAU-PONTY, 1945, p. XX). Tradução nossa.

antecede a reflexão; é o irrefletido compreendido e conquistado pela razão”<sup>6</sup>. Deve-se, então, reconquistar a percepção e o mundo como elementos fundamentais, como basilares para a orientação de todo modo de ser e pensar a realidade. E o primeiro passo é ver o mundo como ele é, é percebê-lo em sua verdade, o “explicitar nosso saber primordial do ‘real’, o de descrever a percepção do mundo como aquilo que funda para sempre nossa idéia de verdade”<sup>7</sup>.

Mas não só. O que a pintura pode oferecer não é mera captação sensível de dados externos, ou, em outros termos, cópia de uma realidade encontrada alhures. Se, de fato, o pintor traz para a tela, sob a marca de seu estilo e sob a pulsão de cores e traços uma paisagem, um rosto, um ambiente, ele o faz junto a tantos outros elementos que também são trazidos à tela, que também colaboram para a execução da mesma. Pois, caso tais elementos não fossem tão importantes, as pinturas seriam meras cópias de uma miragem, de um determinado ser. Mas, a pintura não é cópia, segundo a perspectiva de Merleau-Ponty, pois o pintor a incrementa com sua vida, com seu mundo, sentimentos, desejos, frustrações.

Assim, o que se coloca é a importância de questionar a percepção e o mundo como se as coisas não fossem tão evidentes, tão claras quanto parecem ser. É preciso questionar o que se está vendo, o que se percebe; e questionar a própria percepção, a fim de lhe possibilitar não um mero perceber, mas um aperceber-se também, um tomar consciência de si mesma. A percepção, destarte, faz surgir um encontro com o ser, com uma realidade cuja natureza precisa ser trazida à visibilidade. Partindo da verdade do mundo que está-aí, antes de nós, pela fé perceptiva, questionar a realidade do mundo, não por este ser, em si, questionável, mas para que a sua percepção seja cada vez mais de acordo com a revelação que a cada instante este mundo oferece. Conforme inicia *Le Visible et l’Invisible*:

Vemos as coisas mesmas, o mundo é aquilo que vemos: as fórmulas de tal gênero exprimem uma fé que é comum ao homem natural e ao filósofo, desde que abra os olhos; elas reenviam a um patamar profundo de “opiniões” mudas, implicadas em nossa vida. Mas esta fé tem algo de estranho, que, se procuramos articulá-la em teses ou enunciados, se

---

<sup>6</sup> MERLEAU-PONTY, (1934), 1990, p. 53.

<sup>7</sup> (...) d’expliciter notre savoir primordial du ‘réel’, de décrire la perception du monde comme ce qui fonde pour toujours notre idée de la vérité (MERLEAU-PONTY, 1945, p. XX). Tradução nossa.

perguntamos o que é este *nós*, o que é este *ver* e o que é esta *coisa* ou este *mundo*, entramos em um labirinto de dificuldades e contradições<sup>8</sup>.

## 2. Uma percepção ontológica

Nas palavras de Merleau-Ponty, em seus primeiros estudos sistemáticos da percepção, deve-se compreender a percepção como um paradoxo. Isso requer superar a visão sensualista da percepção, bem como os aspectos psicológicos da mesma. Na linha da fenomenologia, em sua noção de *intencionalidade* – palavra ainda não esgotada, pela qual se compreende que não há a dicotomia entre sujeito e objeto –, Merleau-Ponty desenvolve a percepção como a interação concomitante de pensar e sentir, de razão e percepção. E o paradoxo está neste aspecto. Conforme Merleau-Ponty:

Há pois na percepção um paradoxo da imanência e da transcendência. Imanência, posto que o percebido não poderia ser estranho àquele que percebe; transcendência, posto que comporta sempre um além do que está imediatamente dado<sup>9</sup>.

Com tal constatação, Merleau-Ponty provoca toda a tradição filosófica, e, com as intuições da fenomenologia de Husserl, em seu conceito de redução, o filósofo coloca a percepção como primeiro e fundamental elemento para a verdade. De fato, a percepção traz em si a constatação da essência das coisas e do mundo, de forma não tematizada, mas junto da experiência de nós mesmos. Citando Husserl, Merleau-Ponty propõe a experiência como um meio direto de ter acesso ao que designa o humano, as coisas, o mundo, buscando algo na sua expressão e na experiência que cada um faz dela.

nós temos um meio direto de aceder àquilo que ele designa, nós temos a experiência de nós mesmos, dessa consciência que somos, desta experiência que se medem todas as significações da linguagem, é ela que faz justamente com que a linguagem queira dizer algo para nós.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> Nous voyons les choses mêmes, le monde est cela que nous voyons: des formules de ce genre expriment une foi qui est commune à l'homme naturel et au philosophe dès qu'il ouvre les yeux, elles renvoient à une assise profonde d'« opinions» muettes impliquées dans notre vie. Mais cette foi a ceci d'étrange que, si l'on cherche à l'articuler en thèse ou énoncé, si l'on se demande ce que c'est que *nous*, ce que c'est que *voir* et ce que c'est que *chose* ou *monde*, on entre dans un labyrinthe de difficultés et de contradictions (MERLEAU-PONTY, 1964a, p. 17). Tradução nossa.

<sup>9</sup> MERLEAU-PONTY, (1934), 1990, p. 48.

<sup>10</sup> (...) nous avons un moyen direct d'accéder à ce qu'il designe, nous avons l'expérience de nous-mêmes, de cette conscience que nous sommes, c'est sur cette expérience que se mesurent toutes les significations du langage et c'est elle qui fait que justement le langage veut dire quelque chose pour nous (MERLEAU-PONTY, 1945, p. X). Tradução nossa.

A percepção é a base de toda experiência do mundo. De fato, ela se torna um caminho, um primeiro passo para a verdade, verdade do mundo que está aí, que existe verdadeiramente e no qual nos encontramos. Há, aqui, a superação tanto do racionalismo quanto do empirismo. A percepção leva em conta mais que a experiência (pois dela é substrato) e mais que o indivíduo que pensa (pois é anterior à sistematização racional). É na interação de sujeito-objeto, sensação-reflexão, ou melhor, é no fundamento de tal interação que a percepção se encontra. Em Merleau-Ponty, a percepção só pode ser considerada como meio para um conhecimento radicalmente inovador, cuja expressão mostra mais que uma sistematização ideal, bem como além da mera sensibilidade, sensualismo.

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei da constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos (...) <sup>11</sup>

Nós estamos na verdade, e a evidência é “a experiência da verdade”. Buscar a essência da percepção é declarar que a percepção é não presumida verdadeira, mas definida por nós como acesso à verdade (...) O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável. “Há um mundo”, ou, antes, “há o mundo”; dessa tese constante de minha vida não posso nunca inteiramente dar razão. Essa facticidade do mundo é o que faz a *Weltlichkeit der welt*, o que faz com que o mundo seja mundo, assim como a facticidade do Cogito não é nele uma imperfeição, mas, ao contrário, aquilo que me torna certo de minha existência. <sup>12</sup>

Assim, a percepção e tudo aquilo que com ela se relaciona, não deriva de pontos referentes a outros tipos de expressão, mas é, uma “expressão primordial” <sup>13</sup>, da

<sup>11</sup> La perception n'est pas une science du monde, ce n'est pas même un acte, une prise de position délibérée, elle est le fond sur lequel tous les actes se détachent et elle est présumée par eux (MERLEAU-PONTY, 1945, p. V). Tradução nossa.

<sup>12</sup> Nous sommes dans la vérité et l'évidence est “l'expérience de la vérité”. Chercher l'essence de la perception, c'est déclarer que la perception est non pas présumée vraie, mais définie pour nous comme accès à la vérité (...) Le monde est non pas ce que je pense, mais ce que je vis, je suis ouvert au monde, je communique indubitavelmente avec lui, mais je ne le possède pas, il est inépuisable. “il y a un monde”, ou plutôt “il y a le monde”, de cette thèse constante de ma vie je ne puis jamais rendre entièrement raison. Cette facticité du monde est ce qui fait la *Weltlichkeit der Welt*, ce qui fait que le monde est monde, comme la facticité du *cogito* n'est pas une imperfection en lui, mais au contraire ce qui me rend certain de mon existence (MERLEAU-PONTY, 1945, p. XXI-XXII). Tradução nossa.

<sup>13</sup> Cf. MERLEAU-PONTY, 1960, p. 108.

qual se originam os mais diversos caminhos para a significação da realidade. Toda expressão do mundo parte desta operação primeira que é a percepção.

O mundo é o ponto de partida de toda ação humana, e é no descrever os seus fenômenos, no “retornar às coisas mesmas”, que se encontram os substratos mais importantes. É preciso, portanto, considerar este mundo na experiência direta dele antes de qualquer tematização: é preciso viver este mundo e nele, retornando às coisas mesmas que expressam por si, nas quais e somente nas quais vivemos, existimos, somos. E a percepção não pode ser outro modo senão o meio necessário para desenvolver esta evidência do mundo. Evidente que o que se vê não se oferece em seu todo, nem o que vê consegue a totalidade do ser de uma só vez. Mas, a percepção se põe como acesso privilegiado em busca desta totalidade, que se revela, não de todo, mas como um processo de procura constante, em caráter de início, de retomada, de reconfiguração.

Eu viso e percebo um mundo (...) não é preciso perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente um mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos. Mais geralmente, não é preciso se perguntar se nossas evidências são mesmo verdades, ou se, por um vício de nosso espírito, aquilo que é evidente para nós não seria ilusório com referência a alguma verdade em si: pois, se falamos de ilusão, é porque reconhecemos ilusões, e só pudemos fazê-lo em nome de alguma percepção que, no mesmo instante, atestava-se como verdadeira, de forma que a dúvida, ou o temor de se enganar, afirma ao mesmo tempo nosso poder de desvelar o erro e não poderia, portanto, desenraizar-nos da verdade. Nós estamos na verdade, e a evidência é "a experiência da verdade". Buscar a essência da percepção é declarar que a percepção é não presumida verdadeira, mas definida por nós como acesso à verdade<sup>14</sup>.

### 3. A centralidade da Pintura na Percepção

De fato, de acordo com o que Merleau-Ponty atesta em outras referências, restabelecer o contato do pintor com seu mundo, permite aceitar a pintura como um elemento significativo, que traz à tela, a Visibilidade do Mundo (enquanto externo), mais

---

<sup>14</sup> Je vise et je perçois un monde (...) Il ne faut donc pas se demander si nous percevons vraiment un monde, il faut dire au contraire: le monde est cela que nous percevons. Plus généralement, il ne faut pas se demander si nos évidences sont bien des vérités, ou si, par un vice de notre esprit, ce qui est évident pour nous ne serait pas illusoire à l'égard de quelque vérité en soi: car si nous parlons d'illusion, c'est que nous avons reconnu des illusions, et nous n'avons pu le faire qu'au nom de quelque perception que, dans le même moment, s'atteste comme vraie, de sorte que le doute, ou la crainte de se tromper affirme en même temps notre pouvoir de dévoiler l'erreur et ne saurait donc nous déraciner de la vérité. Nous sommes dans la vérité et l'évidence est "l'expérience de la vérité" (MERLEAU-PONTY, 1945, p. XX). Tradução nossa.

a Invisibilidade da Percepção (enquanto desdobramentos internos da mesma percepção). A pintura exerce um fundamental papel neste processo da experiência humana, como acesso privilegiado para um entendimento profundo e abrangente, servindo como instrumento propício para a percepção do mundo e sua conseqüente compreensão.

Destarte, cada pintura “representa” a visão de mundo de alguém que se torna, não só sensível a ele, mas alguém que o tomou em seu ambiente, seu horizonte de visibilidade, como algo que se coloca antes. O mundo é mais velho que o pensamento, afirma Merleau-Ponty no prefácio da Fenomenologia da Percepção. Diante da obra de arte, da pintura, uma nova percepção deste mundo deve surgir, uma nova visão a partir e além da pintura se oferece.

O Pintor sabe ver e sua Percepção é abertura para algo diferente do mero visível. A pintura não é fazer-nos ver coisas novas, a esmo. Ela é uma maneira transcendente de ver as coisas como o pintor nos faz vê-las, na maneira como nos convida a exercitar nossa percepção, nossa sensibilidade. Há um desafio na pintura, segundo o pensamento de Merleau-Ponty. A pintura deve definir o real na estrutura mais originária: no oferecer das coisas mesmas, no centro de onde partem, enquanto recriação!

A pintura toca de longe, e faz que o real seja representado sempre o mais próximo. Mais: a pintura possibilita o questionamento acerca da percepção, o interagir com o mundo não como algo completamente diferente. Um encontro com o ser originário é possível pela pintura, que conjuga, na expressão de suas cores e linhas, um mundo que é bem visto, que se deixou-se ver em profunda percepção. Rivaliza com a natureza, desta forma, pois, não só indica um elemento percebido, mas faz interagir outras novas percepções, dando-lhes o incentivo para desenvolverem-se e se realizarem.

A pintura quer ser tão convincente quanto as coisas e não pensa poder nos atingir senão como elas: impondo a *nossos sentidos* um espetáculo irrecusável. Em princípio, ela se restabelece ao aparelho da percepção, considerado como um meio natural e dado de comunicação entre os humanos.<sup>15</sup>

A arte possui, assim, esta função, um exercício que é quase uma responsabilidade: incentivar novas percepções do mundo, e, sobremodo pela pintura,

---

<sup>15</sup> La peinture veut être aussi convaincante que les choses et ne pense pouvoir nous atteindre que comme elles: en imposant à *nos sens* un spectacle irrécusable. En principe elle s'en remet à l'appareil de la perception, considéré comme un moyen naturel et donné de communication entre les hommes (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 77). Tradução nossa.

executar o reaprender a ver o mundo. Uma matriz de novas idéias, de novos paradigmas podem ser encontrados na pintura, ainda que estes precisem ser “decifrados”, recolhidos na linguagem silenciosa ou tácita próprias da pintura<sup>16</sup>. E Merleau-Ponty, de fato, insiste na ligação pintura-verdade, de modo que, na arte, esta relação seja desenvolvida na noção de sentido. O sentido, segundo a fenomenologia, é o caminho em busca originária do fundamento, daquele elemento de sustento sobre o qual se constrói o edifício das vivências e do conhecimento. E ele é sempre um devir, um buscar incessante que vai se fazendo como uma tarefa infinita.

O que não é substituível na obra de arte, o que faz dela muito mais que um meio de prazer, um órgão do espírito, cujo análogo se encontra em todo pensamento filosófico ou político, (se são produtivos), é que contenha, melhor que idéias, *matrizes de idéias*, que nos forneçam emblemas cujo sentido jamais deixamos de desenvolver, que, precisamente por nos instalar em um mundo do qual não temos a chave, nos ensine a ver e nos dêem a pensar como nenhuma obra analítica o pode fazer, pois que a análise não encontra no objeto aquilo que nós lá temos posto<sup>17</sup>.

A pintura, deste modo, não é nem representação exata de uma realidade entendida como substrato em si perante o olhar do artista, nem a tradução fiel de uma idéia que do interior assedia ao pintor. “O pintor pensa com a pintura”! A pintura é sempre uma “operação de expressão, a partir desse encontro originário do corpo e do mundo, respondendo aos apelos deste, buscando uma identidade da pintura consigo mesma”. Em suma, a pintura faz ver o que não se vê ordinariamente: em cada pintura, “há o nascimento de um novo e transcendente mundo”. Pois, conforme atesta Merleau-Ponty: “justamente para ver o mundo e o apreender como paradoxo, é preciso romper nossa familiaridade com ele, e que essa ruptura só pode ensinar-nos o brotamento

---

<sup>16</sup> Le peintre nous atteint à travers le monde tacite des couleurs et des lignes, s’adresse en nous à un pouvoir de déchiffrement informulé et don’t nous n’aurons justement le contrôle qu’après l’avoir exercé aveuglément, après avoir aimé l’œuvre (MERLEAU-PONTY, 1960, p.72).

<sup>17</sup> Ce qui n’est pas remplaçable dans l’oeuvre d’art, ce qui fait d’elle beaucoup plus qu’un moyen de plaisir : un organe de l’esprit, dont l’analogie se retrouve en toute pensée philosophique ou politique si elle est productive, c’est qu’elle contient, mieux que des idées, des *matrices d’idées*, qu’elle nous fournit d’emblems dont nous n’avons jamais fini de développer le sens, que, justement parce qu’elle s’installe et nous installe dans un monde dont nous n’avons pas la clef, elle nous apprend à voir et finalement nous donne à penser comme aucun ouvrage analytique ne peut le faire, parce que l’analyse ne trouve dans l’objet que ce que nous y avons mis (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 125). Tradução nossa.

imotivado do mundo”<sup>18</sup>. Este ver além da “familiaridade” é o que Merleau-Ponty atesta no pintor, que entre a sensação e a idéia, entre o sentir e o entender, dá existência visível ao que a visão ingênua não percebe.

Porém, a arte e, notadamente, a pintura, extraem neste lençol de sentido bruto, do qual o ativismo não quer nada saber. Elas são mesmo únicas a fazer com toda inocência. Ao escritor, ao filósofo, ou pede-se conselho ou opinião, e não se admite que eles mantenham o mundo em suspenso. Quer-se que tomem posição: eles não podem declinar as responsabilidades do humano que fala. A música, ao contrário, está por demais aquém do mundo e do designável, para figurar outra coisa que as épuras do ser, seu fluxo e seu refluxo, seu crescimento, suas explosões, seus turbilhões. O pintor é o único a ter o direito de olhar sobre todas as coisas sem nenhum dever de apreciação (...) como se já houvesse na ocupação do pintor uma urgência que excede qualquer outra urgência. Ele aí está, forte ou fraco na vida, mas soberano sem contestar na sua ruminação do mundo, sem outra “técnica” a não ser a que seus olhos e suas mãos se dão, à força de ver, à força de pintar, obstinado a tirar deste mundo onde soam os escândalos e as glórias da história, telas que nada acrescentarão às cóleras nem às esperanças dos humanos, e ninguém murmura.<sup>19</sup>

## Concluindo

A pintura, desta forma, não se entende apenas na conjugação de cores e estilos, escolhidos a bel-prazer pelo pintor. Ela é mais: quer ser o esforço de compreender a percepção do mundo feita pelo pintor, ao mesmo tempo que incita novas percepções a todos que detêm diante dela. Comunicar o mundo interior do pintor, sua percepção profunda da realidade e refazer esta percepção, inovando-a originalmente em outrem: a “bagagem de vida”, os sentimentos, a existência do pintor e de quem contempla sua obra, elementos conjugados, única forma de compreender a linguagem silenciosa do quadro,

---

<sup>18</sup> (...) justement pour voir le monde et le saisir comme paradoxe, il faut rompre notre familiarité avec lui, et que cette rupture ne peut rien nous apprendre que le jaillissement immotivé du monde. (MERLEAU-PONTY, 1945, p. VIII).

<sup>19</sup> Or l'art et notamment la peinture puisent à cette nappe de sens brut dont l'activisme ne veut rien savoir. Ils sont même seuls à le faire en toute innocence. A l'écrivain, au philosophe, ou demande conseil ou avis, on n'admet pas qu'ils tiennent le monde en suspens, on veut qu'ils prennent position, ils ne peuvent decliner les responsabilités de l'homme parlant. La musique, à l'inverse, est trop en deçà du monde et du désignable pour figurer autre chose que des épures de l'être, son flux et son reflux, ses croissances, ses éclatements, ses tourbillons. Le peintre est seul à avoir droit de regard sur toutes choses sans aucun devoir d'appréciation (...) Comme s'il y avait dans l'occupation du peintre une urgence qui passe toute autre urgence. Il est là, fort ou faible dans la vie, mais souverain sans conteste dans sa rumination du monde, sans autre « technique » que celle que ses yeux et ses mains se donnent à force de voir, à force de peindre, acharné à tirer de ce monde où sonnent les scandales et les gloires de l'histoire des *toiles* qui n'ajouteront guère aux colères ni aux espoirs des hommes, et personne ne murmure (MERLEAU-PONTY, 1964b, p. 13-15).

de estar relacionado com a percepção transformada em gesto, a metamorfose que transforma mundo em pintura.

Só se aprende a admirar depois de ter-se compreendido que não há super-homens, nenhum homem que não tenha de viver uma vida humana, que o segredo da amada do escritor ou do pintor não está em alguma transcendência de sua vida empírica, mas tão misturado a suas medíocres experiências, tão pudicamente confuso em sua percepção do mundo que não teria sentido de o reencontrar à parte, cara à cara.<sup>20</sup>

A consideração do mundo em si, transformada em transcendência pela pintura, é um gesto de reconstrução do sentido do mesmo mundo, em uma dinâmica que nunca para de se questionar, em movimento de perplexidade diante da vida, anseio de reaprender a ver a realidade num constante recomeçar, recusando toda e qualquer cristalização. Assim, Merleau-Ponty atesta que a pintura deve ser compreendida não só quando exprime opiniões sobre o mundo, como reações a este, mas no instante em que a percepção do mesmo, a visão, se torna gesto de valor transcendente: a vida não explica a obra, mas foi preciso a vida para dar origem a esta obra, assim como nosso filósofo expressava ao dizer sobre Cézanne: “é certo que a vida não *explica* obra; porém, certo é também que se comunicam. A verdade é que *esta obra a fazer exigia esta vida*”<sup>21</sup>.

## REFERÊNCIAS

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas; precedido por Projeto de trabalho sobre a natureza da percepção** (1933) e, **A natureza da percepção** (1934). Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1990.

\_\_\_\_\_. **Phénoménologie de la Perception**. Paris: Gallimard, 1945.

\_\_\_\_\_. La Langage Indirect et les voix du silence. In: **Signes**. Paris: Gallimard, 1960.

<sup>20</sup> On n’admire ou il faut qu’après avoir compris qu’il n’y a pas de surhommes, aucun homme qui n’ait à vivre une vie d’homme, et que le secret de la femme aimée, de l’écrivain ou du peintre n’est pas dans quelque au-delà de sa vie empirique, mais si mêlé à ses médiocres expériences, si pudiquement confondu avec sa perception du monde qu’il ne saurait être question de le rencontrer à part, face à face. (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 93). Tradução nossa.

<sup>21</sup> [MERLEAU-PONTY, (1965), 1989, p. 122].

\_\_\_\_\_. **Le visible et l'invisible**. Paris: Gallimard, 1964 (1964a).

\_\_\_\_\_. **L'oeil et l'esprit**. Paris: Gallimard, 1964. (1964b).

\_\_\_\_\_. A dúvida de Cézanne (1965). In: **Merleau-Ponty: Textos selecionados**. Trad. Marilena Chauí. SP: Abril Cultural, 1989. (Os Pensadores).